

Dora Kramer*

Fachin se perde no primeiro lance

O magistrado que aponta a necessidade de se ajustarem condutas a um código de ética na corte suprema não se coaduna com o presidente que, em nota oficial, compara cobranças por lisura e transparência nos atos do colegiado a ameaças e intimidações.

Um não conversa com o outro. Portanto, é de supor que aquele um lá do início precisou ceder espaço ao outro que assinou o texto de repúdio aos questionamentos sobre decisões de Dias Toffoli e a situação familiar de Alexandre de Moraes. Ambas as circunstâncias relacionadas ao caso do Banco Master.

Luiz Edson Fachin divulgou a manifestação após rodada de consultas aos colegas. Quando interrompeu as férias, o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) deu a impressão de que o caráter de urgência traduzia o dever de fornecer respostas consistentes às dúvidas levantadas na sociedade, na imprensa, no mundo jurídico, no universo político, no mercado financeiro e até em instâncias de Estado.

À primeira vista, Fachin perdeu a parada para a ala defensiva. A mesma que julga não dever satisfa-

ções ao país e apoia medidas contrárias a prerrogativas constitucionais de controle do tribunal.

Corre, porém, uma versão de que o presidente do Supremo fez um gesto na direção da conciliação interna, a fim de não ficar isolado e abrir caminho para os ministros ora na berlinda revisarem suas posições.

Pode ser um lance estratégico, mas também pode não ser nada disso, só um jeito de amenizar as críticas. Depende da disposição de Toffoli deixar a relatoria do Master e de Moraes -em hipótese para lá de remota- tomar a iniciativa de propor o veto à permissão de que parentes dos ministros advoguem em causas sob o escrutínio do Supremo.

O grupo dos ativistas políticos dentro do tribunal não parece ter compreendido o alcance da desmoralização reputacional que isso trouxe ao STF. E Fachin, preso aos ditames do colegiado, fica refém dos mais atuantes. Ganha por não se isolar, mas perde a oportunidade de imprimir a marca que prometia à sua gestão.

*Jornalista e comentarista de política

Paulo César de Oliveira*

Aonde vai o STF?

Os últimos acontecimentos envolvendo alguns ministros do STF mostram os tempos que estamos vivendo, deixando uma época em que ministros do STF eram figuras inatacáveis. Uma época que começou a ficar para trás com a promulgação da nova Constituição, que ampliou a competência do Supremo, tornando-o, vamos dizer assim, mais popular e mais moroso em suas decisões, um fator que causa desgastes e atrai críticas.

Algumas vezes também cheguei a chamar a atenção para os riscos que a transmissão de julgamentos pela TV Justiça trazia, expondo os ministros por demais debates sobre temas complexos tornando análises jurídicas complexas em temas populares como uma discussão sobre se foi pênalti ou não. É preciso reconhecer também que o perfil de Suas Excelências mudou um pouco nestes anos- não analiso competência profissional nem seriedade de comportamento. Deixaram de ser- nem todos evidentemente- aquelas figuras sisudas para assumirem postura mais aberta, mas popular, mais falante, mais participante das coisas da sociedade enfim.

Neste episódio do Banco Master os minis-

tros Alexandre de Moraes e Dias Toffoli se expuseram publicamente ao ponto do presidente do STF, Edson Fachin, vir a público defendê-los, mas, precavido, propondo a criação de um Código de Ética no Tribunal. Uma ideia necessária. A radicalização política no país vai aumentar a pressão sobre o Judiciário, atacar os ministros, com aparentemente alguma razão ou mesmo sem razão alguma, será estratégia para desmoralizar o Judiciário e inocentar os culpados.

O histórico de decisões do Supremo Tribunal Federal não é favorável aos que insistem no afastamento dos ministros Alexandre de Moraes e Dias Toffoli. De 2000 até hoje não houve nenhuma decisão favorável a este tipo de pedido. Para preservar o STF, o ministro Fachin tenta uma saída honrosa. Pensam ministros do STF em devolver o processo do Banco Master para a Primeira Instância. É preciso tirar o STF da mira dos que buscam desmoralizar os poderes constituídos. Seria está a melhor solução?

*Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil

EDITORIAL

O xadrez de Lula com o Conselho de Gaza

A decisão do presidente Lula de não responder prontamente a Donald Trump diante do convite ao chamado Conselho da Paz deve ser analisada menos como descaso e mais como cálculo político-diplomático. Em relações internacionais, o tempo da resposta também comunica. O silêncio inicial pode funcionar como instrumento estratégico, sobretudo quando o interlocutor é uma figura polarizadora, conhecida por usar gestos diplomáticos como extensão de sua política doméstica.

Lula construiu, ao longo de seus mandatos, a imagem de um líder que privilegia o multilateralismo, a previsibilidade institucional e o diálogo mediado por organismos reconhecidos. Trump, por outro lado, representa uma diplomacia pessoalista, marcada por anúncios abruptos e pouca valorização dos ritos tradicionais. Responder de forma imediata poderia significar validar esse estilo e deslocar o Brasil para um terreno de improviso que não lhe interessa. A cautela, nesse contexto, preserva coerência com a política externa brasileira e evita ruídos desnecessários.

Além disso, a relação entre Brasil e Estados Unidos é maior do que seus líderes circunstanciais. Trata-se de um vínculo histórico, sustentado por interesses econômicos, cooperação

ambiental, diálogo militar e agendas regionais. Um gesto apressado poderia gerar ganhos simbólicos momentâneos, mas também riscos de desgaste com outros parceiros estratégicos ou mesmo com setores internos que defendem uma diplomacia menos alinhada a figuras específicas e mais ancorada em consensos internacionais.

A estabilidade diplomática, portanto, passa pela capacidade de filtrar convites, discursos e iniciativas à luz do interesse nacional. Ao não reagir de imediato, Lula sinaliza que o Brasil não atua por impulsos externos, mas por avaliações próprias. Isso não significa hostilidade aos Estados Unidos, tampouco fechamento ao diálogo, e sim reafirmação de autonomia. A mensagem implícita é clara: o Brasil está disposto a conversar, mas nos seus termos e dentro de fóruns legítimos.

Em tempos de instabilidade global, essa postura tende a fortalecer, e não fragilizar, a relação bilateral. A diplomacia madura não se mede pela rapidez das respostas, mas pela consistência das escolhas. Nesse sentido, a cautela de Lula pode ser lida como um esforço para manter equilíbrio, evitar espetacularização política e preservar a credibilidade internacional do Brasil.

Opinião do leitor

Na tela

Mario Quintana tem poder de síntese e linguagem simples. Em geral ele não possui poemas longos. Todos eles cabem na tela de um celular.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: GOVERNO INGLÊS LIBERA DA PRISÃO GHANDI E OUTROS LÍDERES INDIANOS

As principais notícias do Correio da Manhã em 27 de janeiro de 1931 foram: Governo inglês põe em liberdade Ghandi e demais líderes do movimento nacionalista

na Índia. Pierra Laval procura apoio dos radicais-socialistas para formar uma equipe ministerial e ser o primeiro-ministro francês. Esquadrilha Balbo visita São Paulo

HÁ 75 ANOS: CERIMONIAL DIVULGA ALGUNS DETALHES DA POSSE DE VARGAS

As principais notícias do Correio da Manhã em 27 de janeiro de 1951 foram: Sindicato dos Jornais aumenta o preço dos periódicos associados, como o Correio da Manhã, para 1 cruzeiro. Senado faz homenagens a Nereu Ramos, pela condução

da Casa como presidente, pelos últimos quatro anos. Chefe do cerimonial divulga alguns detalhes da posse de Vargas. Diplomados o novo presidente e vice da República. Debates acalorados marcam a reunião do Conselho Político da ONU.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.